



Infoeducação e Redefinição do Perfil Docente: O Ensino Superior frente os desafios da Modernidade Líquida¹

Mariana Domitila Padovani MARTINS²
Universidade de Sorocaba, SP

RESUMO

Segundo Edgar Morin, estamos acostumados a receber informações e gerar conhecimentos a partir das separações de disciplinas e grupos específicos. Assim, não desenvolvemos o hábito de relacionar e interrelacionar tais informações e conhecimentos, gerando certo vazio nas emissões e interpretações comunicativas. Na Modernidade Líquida conceituada por Zygmunt Bauman é possível decifrar o perfil atual dos docentes e discentes no Ensino Superior. Assim, neste artigo, defende-se o conceito de Infoeducação como motivador para uma transformação educacional e comunicacional. Mais que uma nova forma de pensar, a Infoeducação vem articulada e preparada para propor dispositivos, bússolas e modelos de construção de conhecimento. Propor conceitos para desenvolvimento de relações simbólicas, cognitivas e contextuais.

PALAVRAS-CHAVE: Informação; educação; conhecimento; relações; comunicação.

Informação, Conhecimento e Educação na Modernidade Líquida

Educar na contemporaneidade faz-se tarefa difícil, pois nosso sistema educacional nos ensina a separar, mas não a relacionar as informações. Conseqüentemente a comunicação educacional pode escapar da real função da emissão informativa para gerar conhecimento e motivar a busca de mais fontes que esclareçam o conhecimento apreendido. Uma apropriação consciente para o discente que deveria enxergar sentido em tudo que apreende. Aprender pelo valor de aprender e não simplesmente por uma necessidade de mercado e sim do homem enquanto sujeito repleto de subjetividades.

Sobre o repensar da educação e seus educadores, Edgar Morin (2003) argumenta de forma explicativa e reflexiva que educar na era planetária é ensinar a finalidade de separar e relacionar conhecimentos.

A missão da educação para a era planetária é fortalecer as condições de possibilidade da emergência de uma sociedade mundo composta por cidadãos protagonistas, consciente e criticamente comprometidos com a

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Professora de Graduação e Pós-Graduação na Universidade de Sorocaba/ UNISO-SP com formação em Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Mestrado em Comunicação e Cultura, e-mail: mariana.martins@prof.uniso.br.



construção de uma civilização planetária. A resposta à pergunta circular de Karl Marx em suas teses sobre Feuerbach: “Quem educará os educadores? ”, consiste em pensar que, em diferentes lugares do planeta, sempre existe uma minoria de educadores, animados pela fé na necessidade de reformar o pensamento e em regenerar o ensino. São educadores que possuem um forte senso de sua missão. (MORIN, 2003, p. 98)

Estamos acostumados a receber informações e gerar conhecimentos a partir das separações de disciplinas e grupos específicos. Assim, não desenvolvemos o hábito de relacionar e interrelacionar tais informações e conhecimentos, gerando certo vazio nas emissões e interpretações comunicativas. Podemos analisar, por exemplo, os docentes do Ensino Superior contemporâneo: Estes como o meio ou ferramenta que ensina e propaga o conhecimento, mas dificilmente que discute e decodifica o que é conhecimento com seus alunos. “É impressionante, que a educação que visa a transmitir conhecimentos seja cega quanto ao que é o conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão, e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer ” (MORIN, 2002, p.13-4).

Observa-se que toda e qualquer informação, no momento que é recebida, interpretada e aplicada, pode tornar-se conhecimento. Mas será que este conhecimento, para o docente e para o discente, faz-se significativo? Será que ambos estão preparados para fazer relações? Para aplicar, relacionar, repensar e questionar tantas apropriações informativas em seu dia a dia? Em suas rotinas de trabalho? Em suas relações sociais?

Como esses docentes preparam suas aulas? Quais são suas fontes de pesquisa? Seus critérios de escolha? Quais são as relações que eles fazem com a ementa do curso e com o perfil do alunado? E será que de fato, a maioria preocupa-se com este perfil? E sobre as fontes - Quem as editou? Quem as publicou? Quem as interpretou ao ponto de julgarem-nas boas ou não? Tantas opções de busca e escolha, que muitas vezes motivam uma crise da própria escolha no professor pós-moderno, ou mesmo da Modernidade Líquida, segundo Zygmunt Bauman (2007). Uma Modernidade leve e fluida, muito mais dinâmica que causou profundos impactos em todos os aspectos da vida humana.

Líquido-moderna é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A liquidez da vida e a da sociedade se alimentam e se revigoram mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquido moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo. (BAUMAN, 2007, p.07)



Edgar Morin (2002), alerta sobre a importância de compreender que no conhecimento sempre há um risco de erro – de ilusão. Explica que “muitos conhecimentos que no passado achávamos certos, hoje os consideramos errados, ilusórios; muitas ideias que no século 20 nos pareciam justas foram abandonadas”. O autor completa dizendo que o conhecimento não traduz uma realidade, mas a reconstrói.

Portanto, entende-se que um conhecimento sofre mutações com o passar do tempo; ponto que podemos relacionar à Modernidade Líquida e sua casca de gelo fina que depende da agilidade para não quebrar, pois aquele docente que pensa ter encontrado a verdade absoluta, certamente não tem o espírito pesquisador necessário para motivar o discente líquido.

A história da educação conheceu muitos momentos críticos nos quais ficava evidente que premissas e estratégias já testadas e aparentemente confiáveis não davam mais conta da realidade e exigiam revisões e reformas. Contudo, a crise atual parece ser diferente daquelas do passado. Os desafios do presente desferem duros golpes contra a própria essência da ideia de educação, tal como ela se formou nos primórdios da longa história da civilização: eles questionam a educação que resistiu a todos os desafios passados e emergiram intactas de todas as crises anteriores; os pressupostos que antes nunca haviam sido colocados em questão e menos ainda encarados como se já tivessem cumprido sua missão e necessitassem de substituição. (BAUMAN, 2010, p. 40).

Aquilo que é conhecido e compreendido, aceitável e funcional no ontem, pode ser dispensável no hoje e bastante necessário no amanhã. “Num mundo como este, o conhecimento é destinado a perseguir eternamente objetos sempre fugidios que, como se não bastasse, começam a se dissolver no momento em que são apreendidos”. (BAUMAN, 2010, p.45).

A capacidade de durar não joga mais a favor das coisas. Dos objetos e dos laços, exige-se apenas que sirvam durante algum tempo e que possam ser destruídos ou descartados de alguma forma quando se tornarem obsoletos - o que acontecerá forçosamente. Assim, é preciso evitar a posse de bens, em particular daqueles que duram muito e que não são descartáveis com facilidade. (BAUMAN, 2010, p. 42).

Tudo dependerá do contexto, histórico, social, econômico, demográfico e temporal. Inovações, tendências e novas interpretações servirão de ferramentas construtivas e moderativas para novos conhecimentos.



Infelizmente, temos o hábito de prendermo-nos a paradigmas, pois tendemos a simplificar aquilo que é complexo. Não fazemos relação e interrelação. Costumamos apenas reproduzir informações na tentativa de gerar conhecimentos. Repetir receitas de bolo que já dão certo há tempos, ou seja, receia-se testar o novo ou incerto.

A dificuldade de fazer relações

Compreende-se que para fazer relações é necessário contextualizar e situar um conhecimento específico dentro do ambiente global a que ele pertence. Segundo Edgar Morin (2002), consiste em situar as informações que recebemos no seu contexto geográfico, cultural, social e histórico.

Bertrand Russell (2002), em o Elogio ao Ócio, argumenta que o conhecimento pode perder valor dependendo do contexto. Para ele, há o conhecimento útil - aquele que teoricamente é compreendido, absorvido, interpretado e aplicado, e o conhecimento inútil – que serve como adereço ou tempero contemplativo ou técnico. Assim, ele defende o equilíbrio entre esses dois tipos, reforçando que tal equilíbrio é necessário para o bem estar social.

Em toda parte o conhecimento vai deixando de ser visto como um bem em si mesmo ou como um meio de criar-se uma perspectiva de vida humana abrangente e se transforma em mero ingrediente da aptidão técnica [...] Não temos, portanto, tempo mental para adquirir outros conhecimentos além daqueles que há de nos ajudar na luta pelas coisas que consideramos importantes. (RUSSELL, 2002, p. 36-43).

Bertrand Russell (2002) questiona a visão utilitária do conhecimento, onde somente é considerado válido e importante para a sociedade, aquilo que tiver uma aplicação prática ou técnica.

No capítulo “O Conhecimento Inútil”, Russell (2002) critica o senso de educação utilitária que hoje é claro nas escolas e nas universidades da modernidade Líquida. Russell (2002), entende que as crianças, e no contexto deste artigo, (sobre o Ensino Superior), os jovens (e adultos), geralmente são condicionados a aprender e a valorizar somente o conhecimento técnico que poderá ser-lhes útil mercadologicamente, ou seja, em suas vidas profissionais e padronizadas.

Baseando-se neste pressuposto, podemos dizer que os discentes não estão sendo encorajados a cultivar um senso exploratório de pesquisa ou mesmo um senso crítico e questionador dos aspectos já discutidos e talvez confirmados na sociedade como um



todo. Isso os leva, na maioria dos casos, a aceitar aquilo que seus docentes lhes impõem como a única verdade que pode interessar. Levantemos, portanto, a hipótese de que a sociedade de docentes e discentes atuais vive, em sua maioria da reprodução do mesmo compartilhamento de informações, que muitas vezes parecem substituir, na Modernidade Líquida, o ato de produzir informações diferenciadas e gerar conhecimentos significativos a partir de relações e reflexões pessoais.

O tempo líquido das informações

Deste modo, pode-se refletir sobre a era contemporânea, onde a quantidade de informações que recebemos é muito maior que a quantidade de tempo que temos para processar tais informações.

Em todas as épocas, o conhecimento foi avaliado com base em sua capacidade de representar fielmente o mundo. Mas como fazer quando o mundo muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente, pegando de surpresa até os mais "bem-informados"? (BAUMAN, 2010, p. 43).

Consequentemente, muitas informações que poderiam gerar conhecimentos ficam soltas, sem nenhuma relação, e outras, que nem sempre são “uteis”, ficam presas a sentidos vazios. A impossibilidade humana de processar o bombardeamento de informações reflete na contemporaneidade a reprodução constante de informações e conhecimentos separados e dificilmente relacionados entre si. Repete-se e nem sempre se compreende aquilo que foi repetido. Diz conhecer aquilo que nem sempre é conhecido e atribui-se poder àquilo que nem sempre é útil e contextualizado. “Eu acho que se trabalha demais no mundo de hoje, que a crença nas virtudes do trabalho produz males sem conta e que nos modernos países industriais é preciso lutar por algo totalmente diferente do que sempre se apregoou”. (RUSSELL, 2002, p. 23).

É válido que a inutilidade informacional, tem seu espaço significativo na era planetária, eis a diversidade e o pluralismo cultural, mas é fato que a utilidade geralmente não é processada e aplicada como conhecimento. Vivemos numa sociedade encantada pela midiaticização de programas reprodutores de informações muitas vezes soltas, perdidas, sem nenhuma contextualização relevante. Outras com relevância, mas nem sempre percebida pelos seus receptores. Esses receptores, são em certa parte discentes do Ensino Superior atual, o que reforça a necessidade do Professor ser engajado e consciente da responsabilidade que tem na vida daquele que o escuta e



observa, durante aulas expositivas, dinâmicas ou em outros diversos formatos e métodos.

A Infoeducação

Na Modernidade Líquida, os indivíduos parecem sentir a pressão informacional sobre suas cabeças. Correm para inteirar-se assim como correm para seguir e conquistar modelos ideais. Buscam atualizar-se de forma rápida e conectada em sua maioria, através de sites, aplicativos ou redes sociais virtuais, e também com os dispositivos eletrônicos que mediam suas comunicações de forma quase instantânea. Querem tudo para ontem. Anseiam pelo futuro ao mesmo tempo em que o temem devido tantas instabilidades. Quando sentem-se desatualizados, entristecem-se na angustia do “estar por fora”, ou do perder possíveis oportunidades presentes e futuras. Além disso, atrair a atenção destes indivíduos é tarefa árdua. E a sociabilidade mostra-se em alta através da virtualidade. Talvez uma sociabilidade com outros afetos e valores. Mais desaparegada.

No mundo líquido-moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso a longo prazo (e mais ainda por prazo indeterminado) denuncia um futuro prenhe de obrigações que limitam a liberdade de movimento e a capacidade de perceber novas oportunidades (ainda desconhecidas) assim que (inevitavelmente) elas se apresentarem. (BAUMAN, 2010, p. 40 e 41).

A perspectiva de se ver restrito a uma única coisa a vida inteira é repulsiva e apavorante. O que não surpreende, pois todos sabem que até os objetos de desejo logo envelhecem, perdem o brilho num segundo e, de símbolos de honra, transformam-se em estigmas de infâmia. (BAUMAN, 2010, p. 41).

Questionemos então: na condição de discente, este mesmo indivíduo, como aprende? E na condição de docente, este indivíduo, como ensina? Como fazem relações? Como entendem a Educação? Questões que emergem de tantos efeitos pós-modernos e, portanto, respondidas aos poucos, e gerando novos questionamentos, através de novas linhas de estudos. Uma delas é a Infoeducação.

As enormes quantidades de informação competindo por atenção parecem muito mais ameaçadoras para os homens e mulheres comuns do que os poucos "mistérios do Universo" que ainda restam e que interessam exclusivamente a um pequeno grupo de maníacos da ciência e ao número ainda mais restrito dos que disputam o Prêmio Nobel. Todas as coisas desconhecidas parecem ameaçadoras, mas suscitam diferentes reações. (BAUMAN, 2010, p. 57).



Segundo Perrotti e Pieruccini (2008), a necessidade de se repensar a relação entre Educação e Informação tomou força em 1970, sob terminologias, concepções e direções nem sempre convergentes, mas que de fato resultaram numa mobilização crescente e que tem em vista a apropriação de saberes informacionais.

No bojo de tais preocupações, propusemos no ano de 2000 (ETÉVE, 2005, p.491), o termo Infoeducação para intitular um seminário franco-brasileiro, realizado na Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo. A nomeação sinalizava, de um lado, nossa participação nessa mobilização geral, de importância fundamental para os destinos do conhecimento; de outro lado, indicava que, diferentemente do que vinha ocorrendo, entendíamos que as questões que nos preocupavam não avançariam se adotássemos perspectivas científicas, informacionais e educacionais tradicionais, pois a problemática das relações entre Informação e Educação fora redimensionada na “era da informação”, demandando novos olhares e formulações para serem enfrentadas adequadamente. (PERROTTI; PIERUCCINI, 2008, p. 10)

A criação do termo Infoeducação indicava, pois, que era preciso superar posturas tradicionais, como a clássica fragmentação dos saberes em compartimentos estanques que raramente se comunicam, assim como das ações educativas e culturais que, com suas descontinuidades, transferem aos aprendizes a responsabilidade pelo estabelecimento de conexões entre saberes, sem, no entanto, lhes fornecer os instrumentos cognitivos e socioculturais necessários para isso. (PERROTTI; PIERUCCINI, 2008, p. 11)

Reforça-se, portanto, a necessidade de repensar as informações, os meios, as relações entre eles, e de fato os indivíduos envolvidos no processo. Logicamente que para conquistarmos uma melhor qualidade de aprendizagem na Educação Superior, por exemplo, teríamos que adentrar questões não somente sociais, comunicacionais, mas também políticas e econômicas. Certamente que para despertar no aluno a vontade de ler, por exemplo, o professor precisa também ter vontade de ler. Para ter vontade de ler, e realizar este desejo, se ele existir, faz-se necessário ter tempo para ler. Para ter mais tempo para leituras diversas, e não somente as técnicas, certamente o sistema de ensino e suas burocracias necessitariam de reformulações. Porém, neste artigo não agregarei ao objetivo esta explanação, justamente por falta de espaço conceitual. Deixarei para outro artigo.

Assim, foquemos que a dificuldade de se fazer relações entre informações e conhecimentos é uma problemática a ser discutida e argumentada entre nossa contemporaneidade e educação. E que os estudos da Infoeducação, mostram-se



necessários dentro de uma sociedade que ora tem excesso de informação e ora tem a falta dela.

O primeiro pressuposto justificava a necessidade e os benefícios da transmissão do conhecimento dos professores aos alunos. O segundo infundia nos professores a autoconfiança necessária para esculpir na personalidade dos alunos, como fazem os escultores com o mármore, a forma que se presumia sempre justa, bela, boa e, portanto, virtuosa e nobre. Se as conclusões de Jaeger são corretas (e não foram refutadas), a "educação, tal como a conhecemos", está em maus lençóis, pois hoje seria necessário um grande esforço para sustentar qualquer um desses pressupostos, e um esforço ainda maior para considerá-los evidentes em si mesmos. (BAUMAN, 2010, p. 44).

Vivemos num paradoxo social, onde contextos diferentes proporcionam sentidos e significados também diferentes a certos conhecimentos. Um determinado conhecimento pode ter determinados significados.

O Docente no Mundo Líquido

Num contexto comercial, pensemos na tarefa de busca de atenção, mesmo pouco viva e desperta, dos consumidores pós-modernos; uma atenção fragmentada e enviada a diversos conteúdos, imagens, pessoas e situações. Assim, poderíamos considerar que tais consumidores pós-modernos seriam, de fato, também alunos e professores. Na verdade, nos deparamos em sala de aula, muitas vezes, com discentes que são consumidores de informações – estão ali para consumir algo. Uma vez que conhecimento só é conhecimento depois de absorvido, compreendido e apreendido questiona-se: o receber seria o consumir a informação? Mas e o entender? E o despertar do sentido para aquele objeto informacional? Alunos do ensino superior que consomem conhecimentos, muitas vezes sem consciência e motivos concretos.

Portanto, a ideia de que a educação pode consistir em um "produto" feito para ser apropriado e conservado é desconcertante, e sem dúvida não depõe a favor da educação institucionalizada. Para convencer seus filhos da utilidade do estudo, pais e mães de outrora costumavam dizer que "aquilo que você aprendeu ninguém vai poder lhe tirar". Esta talvez fosse uma promessa encorajadora para os filhos *deles*, mas, para os jovens contemporâneos, deve representar uma perspectiva horripilante. (BAUMAN, 2010, p. 42).



Ora ou outra, faz-se possível enxergar também o docente do ensino superior, por exemplo, como consumidor, produtor e vendedor de conhecimento dentro do mundo pós-moderno.

Esta nossa sociedade é uma sociedade de consumidores. E, como o resto do mundo visto e vivido pelos consumidores, a cultura também se transforma num armazém de produtos destinados ao consumo, cada qual concorrendo com os outros para conquistar a atenção inconstante/errante dos potenciais consumidores, na esperança de atraí-la e conservá-la por pouco mais de um breve segundo. (BAUMAN, 2010, p. 33 e 34).

O consumismo de hoje não consiste em acumular objetos, mas em seu gozo descartável. Sendo assim, por que o "pacote de conhecimentos" adquiridos na universidade deveria escapar dessa regra universal? No turbilhão de mudanças, é muito mais atraente o conhecimento criado para usar e jogar fora, o conhecimento pronto para utilização e eliminação instantâneas, o tipo de conhecimento prometido pelos programas de computador que entram e saem das prateleiras das lojas num ritmo cada vez mais acelerado. (BAUMAN, 2010, p. 42).

Hoje o professor se vê, muitas vezes, como um ser multifacetário e multiplicador de conhecimento. Com isso, vê-se rodeado de opções sem capacidade de escolhê-las realmente. Em qual fonte confiar? Como traduzir o conteúdo? Como editá-lo sem deixar o essencial de lado? Como atrair a atenção e despertar o interesse deste discentes-consumistas?

Talvez, fazendo aquilo que ninguém mais faz? Mas como dentro de tantos padrões e pressões burocráticas? E de fato, este professor, vê sentido no que faz?

Abandonar os padrões muito rígidos, ser condescendente com a falta de critérios, satisfazer todos os gostos sem privilegiar nenhum deles, promover a inconsistência e a "flexibilidade" (nome politicamente correto da frouxidão de caráter) e exaltar a instabilidade e a incoerência, esta é, portanto, a estratégia justa (a única razoável?) hoje. (BAUMAN, 2010, p. 34).

Ao contrário da era da construção das nações, a cultura líquido-moderna não têm "pessoas" a cultivar, mas clientes a seduzir. E, diversamente da cultura sólido-moderna anterior, não visa mais ao término do trabalho (o quanto antes, melhor). Seu trabalho consiste antes em tornar a própria sobrevivência permanente, "temporalizando" todos os aspectos da vida de seus antigos pupilos, agora renascidos como clientes. (BAUMAN, 2010, p. 36 e 37).

A multiplicidade do conhecimento. A quantidade relacionada ou não à qualidade desse conhecimento. O excesso de informação e conhecimento e a dificuldade em escolher o que é melhor. Assim, repensar a identidade ou papéis exercidos pelo



professor pós-moderno no ensino superior. Entendendo, portanto, o que é preciso ter para sobreviver numa sociedade competitiva em que o professor de ensino superior vive sem fidelidade profissional, justamente pelo motivo de dividir-se entre aulas e períodos em instituições diferentes.

"A pertença", afirma Jean-Claude Kaufmann, é "utilizada hoje sobretudo como recurso do ego". Ele nos adverte contra a ideia de que as "comunidades de pertença" são necessariamente "comunidades integradoras". Recomenda antes que sejam vistas como fenômenos que acompanham o processo de individualização, como uma série de estações de serviço ou de motéis marcando a trajetória do Eu que se forma e reforma continuamente. (BAUMAN, 2010, p. 37).

Assim como os barcos que atracam sucessiva ou ocasionalmente em diversos portos, os Eus se submetem, nas "comunidades de referência" às quais pedem admissão, a verificação e aprovação das próprias credenciais nessa busca de reconhecimento e confirmação da identidade que dura a vida inteira. (BAUMAN, 2010, p. 39).

É preciso tentar enxergar e conhecer de forma mais detalhada, o profissional, o professor na pós-modernidade. Seria um mediador? Infoeducador? Seria um transmissor de informação e gerador ou facilitador do conhecimento? E o que é conhecimento na pós-modernidade? E qual é o posicionamento e percepção deste docente ora líquido, ora sólido, conforme o conceito de Modernidade Líquida e Sólida proposto por Bauman? Questionamentos pertinentes para um docente, que antes de docente é sujeito social com identidades e subjetividades.

Considerações Finais

É possível transmitir conhecimentos, sem de fato, entender o que é conhecimento? É possível formar e transformar atitudes, construir conceitos e desenvolver reflexões, sem de fato compreender como se desenvolve o processo de construção de significados e significações?

Construir conhecimento na era da Informação ou mesmo na Modernidade Líquida de Bauman deveria ser, construir relações com dispositivos sejam eles, culturais, sociais, pessoais, etc. Ou seja, construir relações com o contexto informativo; levar em consideração o contexto do momento da informação e avaliar o contexto e preparação do emissor e do receptor. Nada vale emitir ou receber uma informação e não saber o que fazer com ela. Toda e qualquer informação, para ser conhecimento necessita



envolver e, por que não, renovar olhares e pontos de vista. Estabelecer novas relações às relações pré-existentes.

Não há como ignorar que estamos lidando com uma superprodução informacional global. Porém, por outro lado, segundo, PERROTTI e PIERUCCINI (2011, p. 03), também é fato que “ao mesmo tempo [...] continuamos presos a históricas dificuldades de acesso a informações relevantes aos processos educacionais e culturais gerais”. Ou seja, não é porque existe uma imensidão de informação que essa informação chega e é absorvida e utilizada por todos ou mesmo pela maioria. Existe uma parcela da sociedade, desfavorecida de informação e despreparada, sem dispositivos e bússolas cognitivas suficientes para acessar e usufruir da informação - portanto, há a grande dificuldade de formar o conhecimento.

Com a Globalização, conceituada por Stuart Hall (2005), como um complexo de processos e forças de mudanças, e a Mídiação promovida pela sociedade contemporânea, a Comunicação foi tornando-se cada vez mais elemento fundamental dentro do dia a dia do indivíduo pós-moderno.

Para Fredric Jameson (1990), em sua obra “Pós-Modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio”, o pós-modernismo, período onde estão os jovens contemporâneos e suas identidades descentradas como determina Stuart Hall (2005) e suas imagens pessoais, seria a tal lógica cultural do capitalismo tardio, correspondente à terceira fase do capitalismo, conceituado e tendenciado por Adorno e Horkheimer (1985) anteriormente. “Se trata aí de nada mais nada menos do que um estágio do capitalismo mais puro do que qualquer outro dos momentos que o precederam” (JAMESON, 1990, p. 29).

Já para o sociólogo Gilles Lipovetsky (2007), o termo “Hipermodernidade”, que traz os “Hiperconsumidores”, seriam os indivíduos da sociedade atual, que se aplicam melhor a esta época, devido a não-ruptura entre a modernidade e a contemporaneidade, mas sim a evolução e processo entre elas. Segundo ele, os tempos atuais são ainda “Modernos”, com uma exacerbação de certas características das sociedades modernas, tais como o individualismo, o consumismo, a ética hedonista e a fragmentação do tempo e espaço – elementos e características presentes nos jovens e adolescentes de hoje.

É através dos meios de comunicação de massa, por exemplo, que o sujeito contemporâneo (e por vezes o discente no Ensino Superior) toma conhecimento (na verdade, informa-se) do mundo em que vive. São estes meios que ajudam o sujeito na



construção da realidade, que é, portanto, formada pelos elementos e informações oferecidas e disparadas pelo processo de midiatização hoje existente.

São os meios de comunicação de massa os responsáveis pelas percepções sobre essas informações recebidas e conseqüentemente pela escolha e forma de estilo de vida levado pelo sujeito contemporâneo. Além disso, as informações persuasivas transferem para o subconsciente do sujeito, modelos, padrões e ideias já determinados pela Indústria Cultural.

Hoje, com a Globalização e com os Meios de Comunicação de Massa, é possível “Ser e Estar” de diversas formas em diversos lugares e se comunicar e trocar elementos simbólicos ou não através dos meios de comunicação aprimorados e tecnologicamente aperfeiçoados. Portanto, “[...] processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço e tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado”. (HALL, 2005, p.67). A mediação eletrônica toma conta das possibilidades comunicacionais da sociedade contemporânea. Esse fato é conceituado e reconhecido por vários autores, entre eles Thompson (1995).

Com o surgimento dos meios eletrônicos, porém especificamente a televisão, as pessoas que se comunicam se tornam personalidades com uma voz, um rosto, um temperamento e uma história, personalidades com quem os receptores podem simpatizar ou empatizar, de quem eles podem gostar ou não, detestar ou reverenciar. Essas personalidades adquirem uma presença física que é mediada e gerenciada, em vez de ser espontânea, e tornam-se os objetos de processos complexos de valorização econômica e simbólica que são controlados, até certo ponto, pelas indústrias da mídia. (THOMPSON, 1995, p.299)

[...] a criação do termo infoeducação, indicava, pois, que era preciso superar posturas tradicionais como a clássica fragmentação dos saberes em compartimentos estanques que raramente se comunicam, assim como ações educativas e culturais isoladas e descontínuas que transferem aos aprendizes a responsabilidade pelo estabelecimento de conexões entre saberes, sem, no entanto, lhes oferecer os instrumentos cognitivos e socioculturais necessários para tanto. (PERROTTI e PIERUCCINI, 2011, p.02).

Deste modo, a Infoeducação propõe iniciativas que envolvam relações entre Informação e Educação. Fomenta o avanço da reflexão dessas áreas e suas interrelações. Nesse processo, onde infoeducar seria desenvolver a capacidade, competência e habilidade de interpretação, relação, correlação, reflexão, construção e, por que não dizer, inovação e renovação de conhecimentos, a escola entraria como suporte



fundamental para a eficácia da missão informativa e cognitiva. Também é de extrema importância o papel do professor, que neste processo deve ser repensado e reformulado. Tanto a escola como o professor, necessitarão estar preparados e conscientes do que é conhecimentos e, portanto, das bússolas cognitivas e dos saberes informacionais. Ensinar a traçar caminhos e métodos de pesquisa, análise e percepção. Desenvolver planejamentos informativos que resultem em conhecimentos. Ajudar os aprendizes na seleção e busca de conteúdos informacionais. Além de dispositivos artificiais, cabe desenvolver e treinar os dispositivos pessoais, culturais, enfim, aqueles resultantes do repertório do indivíduo, portanto, resultante de seu contexto, que, queira ou não, relaciona-se com o momento e forma da emissão ou mesmo recepção informativa. Escola e Mestres como mediadores, condutores e motivadores de relações e significações.

Reforça-se essa idéia com PERROTTI e PIERUCCINI (2011), afirmando que “a era da informação não diz respeito apenas à emergência de novas formas de produzir, distribuir e receber signos. É sobretudo, um novo modo de nos definir, de ser, estar e nos relacionar com o mundo”.

Mais que uma nova forma de pensar, a Infoeducação, vem articulada e preparada para propor dispositivos, bússolas e modelos de construção de conhecimento. Propor conceitos de desenvolvimentos de relações simbólicas, cognitivas e contextuais.

Entende-se que educar na “Era da Informação”, é na verdade infoeducar. Mediar e oferecer dispositivos. Preparar os aprendizes para filtrar, utilizar e apropriar-se de bússolas e referências que os ajudem na tarefa informacional.

Hoje, um educador, deve ser um infoeducador: preparar, conceber caminhos, desenvolver habilidades cognitivas, despertar interesses informacionais nos aprendizes, interesses estes que gerem conhecimento de fato.

Viver na “Era da Informação”, rodeado e bombardeado por informações que são disparadas pelos meios comunicativos massivos, requer receber conteúdos filtrando-os, selecionando-os, relacionando-os e desfragmentando-os, a fim de que eles tornem-se conhecimentos. Além disso, é tarefa de todo e qualquer sujeito social, lembrar e responsabilizar-se pela realidade paradoxal: na era da explosão da informação, há a ausência de acesso informacional. Pela falta de condições econômicas, culturais, sociais ou mesmo contextuais, é possível deparar-se com parcelas da sociedade, isoladas desses acessos e conteúdos. Indivíduos navegantes num mar profundo, sem direção ou



condição. Sem bússolas, sem caminhos, sem relações... Algo triste, frio, vazio e opaco para uma sociedade que se enxerga e se denomina como: Sociedade em Rede.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOSI, A. **Considerações sobre o tempo e a informação**. Disponível em: < <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/bosiinternet.pdf> > Acesso em: 12/08/2011.

CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

DANCE, Frank E. X. **Teorias da Comunicação Humana**. São Paulo: Cultrix, 1967.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

LA BOÉTIE, Etienne; CLASTRES, Pierre; LEFORT, Claude; CHAÚÍ, Marilena. **Discurso da Servidão Voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MENDONÇA, R. H.; MARTINS, M. F. (orgs). **TV, educação e formação de professores: Salto para o Futuro: 20 anos**. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília, DF: TV Escola, 2013.

MORIN, E. **Educação planetária: conferência na Universidade São Marcos, São Paulo, Brasil, 2005**. Disponível em: <http://edgarmorin.org.br/textos.php?tx=30>. Acesso em: 05 ago 2012.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.



MORIN, E.; CIURANA, R.; MOTTA, R. **Educar na Era Planetária: O pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana.** São Paulo, SP: Cortez Editora, 2003.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. **Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade.** In: LARA, M. L. G., FUJINO, A. NORONHA, D. P. (orgs.) Informação e contemporaneidade: perspectivas. Recife: Néctar, 2008.

PERROTTI, E.; VERDINI, A. **Estações do conhecimento: espaços e saberes informacionais.** In: ROMÃO, L. M. S. (org.) Sentidos da biblioteca escolar. São Carlos: Alfabeta, 2008.

RUSSEL, B. **O conhecimento inútil.** In: _____. **O elogio ao ócio.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p.36-46.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Cultura: a comunicação e seus produtos.** 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

STEINBERG, Charles S. **Meios de Comunicação de Massa.** 2ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.